



MEMÓRIA GEJA

GRUPO ESCOTEIRO JOSÉ DE ANCHIETA



GEJA - 11º DF



NOTA DA ATENA - MEMÓRIA EMPRESARIAL E CONSULTORIA EDUCACIONAL

A história do Grupo Escoteiro José de Anchieta se entrelaça com a história de todos os escoteiros e membros que por lá passaram, desde seus primórdios, em 1977, até os dias atuais. A Atena - Empresa Júnior de História da UnB -, teve a honra de se aprofundar nesta história tão rica e completa. Esta revista é o produto de muito esforço e emoção somados a um trabalho focado em enfatizar os relatos de integrantes que tiveram, e ainda tem, participação fundamental neste grupo que faz parte da União dos Escoteiros do Brasil, a qual representa no Brasil a Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

Em comemoração aos 45 anos do Grupo Escoteiro José de Anchieta, a Atena - Empresa Júnior do curso de História da UnB - realizou visitas à sede da instituição para prestar o importante serviço de preservação e recuperação da memória arquivística do grupo de escoteiros. Todo o acervo documental e fotográfico disponibilizado foi organizado, limpo e catalogado com muito cuidado. Encontramos muitos registros no arquivo, desde fichas de inscrição dos membros, fotos, certificados, tanto da instituição quanto dos escoteiros, as bandeiras, canções, carta pioneira, cartazes em couro, distintivos, documentos com a estrutura e organização do Clã Pioneiro, livros com a História da Alcateia feita pelos próprios escoteiros, lenços, manuais, guias, fotos, entre outras fontes. As entrevistas realizadas tiveram o intuito de entender o impacto do escotismo na vida dos integrantes, as histórias pessoais que se entrelaçam com essa vivência e enaltecer o legado do grupo.

Foi muito impressionante ter a história do GEJA passando por nossas mãos e olhares historiadores, atravessando, assim, a própria história da Atena. Dito isso, desejamos um caminho próspero e produtivo para todas as pessoas que cruzaram nossos caminhos, assim como para todos os integrantes do Grupo Escoteiro José de Anchieta e seus familiares.

Com carinho,
Atena - Consultoria Educacional e Memória Empresarial

Brasília, agosto de 2022.

PROJETO MEMÓRIA GEJA



**Atena - Consultoria Educacional
e Memória Empresarial**

O QUE É O ESCOTISMO?

O escotismo é um movimento que foi fundado em 1907 na Inglaterra por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, também chamado pelos escoteiros de BP. Neste ano foi realizado o primeiro acampamento escoteiro na Ilha de Brownsea, com a presença de 21 jovens divididos em 4 patrulhas. No ano seguinte houve a publicação do livro “Escotismo para rapazes”, um dos marcos iniciais do movimento escoteiro. O objetivo de Baden-Powell ao criar o escotismo era de engajar os jovens ingleses em atividades onde poderiam adquirir novos conhecimentos úteis para a vida, incluindo cozinhar comidas mateiras, guiar-se com bússolas, fazer amarras e nós, acender fogueiras, entre outros.

No Brasil, o Movimento ganha forma em 1910 com militares que, ao retornarem da Inglaterra, trazem consigo o escotismo e, em abril de 1910, fazem a primeira reunião escoteira no Brasil na cidade do Rio de Janeiro. O movimento rapidamente se espalha pelo Brasil e pelo mundo, chamando a atenção de jovens de ambos os sexos, mas como inicialmente era para homens apenas, as mulheres começaram o movimento das Girl Guides (Guias Escoteiras), que se tornarão posteriormente as Bandeirantes, com sua principal figura em Olave Baden-Powell, esposa de BP.

No escotismo os jovens são divididos pela idade em 4 seções: de 6,5 à 10 anos incompletos são lobinhos(as); de 11 à 14 anos incompletos são escoteiros(as); de 15 à 17 anos incompletos são sêniores e guias e de 18 à 20 anos incompletos são pioneiros. Após os 21 anos, os que quiserem continuar no movimento tornam-se adultos voluntários, chamados de Chefes. Além dessa divisão por idade, existem 3 modalidades: Modalidade do Ar, Modalidade do Mar e Modalidade Básica. Apesar de terem suas peculiaridades, as modalidades seguem as mesmas diretrizes principais do Movimento aqui no Brasil, na forma do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil e o Método Escoteiro.

Atualmente o escotismo está presente em quase todos os países do mundo e possui mais de 31 milhões de integrantes, sendo considerada a maior ONG educacional sem fins lucrativos do mundo. No Brasil, são aproximadamente 120.000 escoteiros em 1604 unidades escoteiras locais (2018).

QUEM É O GEJA?

Em novembro de 1977, a partir da iniciativa de Inácio Ferreira Dantas e Jaire Peres de Vasconcellos, que viriam a ser os primeiros chefes, o Grupo de Escoteiros José de Anchieta (GEJA) recebeu, pela Região do Distrito Federal, a autorização provisória para o funcionamento. Porém, somente em dezembro do mesmo ano foram iniciadas as atividades do grupo, sendo feitas as promessas de 14 lobinhos e escoteiros e, também, da Comissão Executiva (em que os membros eram os pais dos primeiros participantes). Por ter começado a funcionar em dezembro a data oficial de fundação do GEJA é 10 de dezembro de 1977.

O primeiro local em que o GEJA se instalou foi a paróquia Cura D'Ars que se localiza na quadra 915, ao lado do Colégio Objetivo. Contudo, a área que o Pe. Ângelo (pároco da igreja na época) disponibilizou nem sempre estava disponível, pois paroquianos da igreja também queriam usar o espaço. Por isso, a realização das reuniões de pais e da sede acabava se tornando problemática para o Grupo. Registre-se que, mesmo com essa dificuldade, um mês depois da fundação o GEJA tinha conseguido preparar 3 escoteiros para participar do Acampamento Internacional de Patrulhas (AIP-78), que aconteceu em Porto Alegre – RS.



Em junho de 1978, graças a iniciativa do Chefe Inácio, o GEJA se mudou para o SESC (Serviço Social do Comércio) com o apoio da Coordenação do Centro de Atividades Presidente Médici, representado pelo Sr. Jonas. Com essa mudança, o Grupo conseguiu um lugar com mais disponibilidade, inclusive com frequência, podendo utilizar as instalações de lazer do SESC para realizar as atividades. Depois do SESC o grupo ainda se alojou na Escola de Matemática, atrás da Escola Normal de Brasília (909 SUL). Em 1984, o grupo se transferiu para Fundação Centro de Formação do Servidor Público (FUNCEP), no Setor de Áreas Isoladas Sul, porém depois de dois anos a FUNCEP transformou-se na Escola Nacional de Administração e o GEJA precisou encontrar outro lugar.

Em 1987, após ações junto ao Governo do Distrito Federal, o GEJA se mudou para onde viria a ser seu local definitivo, o Parque da Cidade, que na época se chamava Pithon Farias. Mesmo com essa definição, somente no espaço do Parque o GEJA ficou em 4 locais diferentes: no Estacionamento 6; no Prédio da Administração do Parque; no prédio da área administrativa (junto ao estacionamento 8) e onde se encontra hoje, no estacionamento 3. A última mudança aconteceu em 2002, ano simbólico por ser o ano do Jubileu de Prata do Grupo, ou seja, quando completaram-se 25 anos de fundação.

Depois de todos esses acontecimentos e mudanças o GEJA está agora no Estacionamento 3 do Parque da Cidade, atualmente denominado Sarah Kubitschek, em Brasília. As reuniões do Grupo acontecem todos os sábados, das 14h30 às 18h00 e algumas vezes acontecem atividades externas como acampamentos e excursões, dentro ou fora do Distrito Federal.

PROPÓSITO :

A prática do Escotismo, conforme definido no Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil e seguindo o Método Escoteiro.

FINALIDADE :

Contribuir com o desenvolvimento: dos jovens, da comunidade e das suas famílias, por iniciativas e projetos próprios ou de outros órgãos e entidades.

SEÇÕES:

Dentro da estrutura do GEJA existem as seções nas quais são organizados todos os participantes do grupo, pelo critério de idade. Além disso, em cada grupo das seções existem os adultos responsáveis por instruir os participantes, sejam crianças ou jovens. As seções e grupos do GEJA são:

Lobinho: crianças de 6 anos e meio a 10 anos incompletos. O nome do grupo na seção é “alcateia” e no GEJA existem 3 ao todo, que são:

ALCATEIA LOBO GUARÁ



ALCATEIA LOBOS DO PARQUE



ALCATEIA UIVOS DO CERRADO

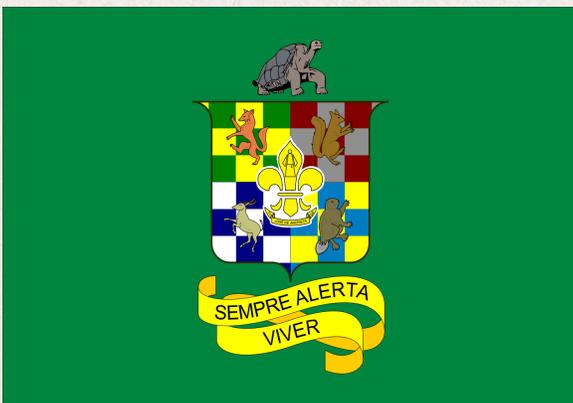


Escoteiro: participantes de 11 a 14 anos incompletos. Essa seção possui 3 grupos chamados “tropas”, com suas denominações dentro do GEJA:

TROPA ESCOTEIRA CRUZEIRO DO SUL



TROPA ESCOTEIRA GALÁPAGOS



TROPA ESCOTEIRA ANDRÔMEDA



Sênior: participantes que podem ter entre 15 e 18 anos e dentro do GEJA tem 2 grupos, também chamados de “tropas”, denominadas respectivamente de:

TROPA SÊNIOR IBIAJARA



TROPA SÊNIOR YUCUMÃ



Pioneiro: O grupo dessa seção se chama “clã”, com participantes entre 18 e 21 anos, e se juntam no:

CLÃ PIONEIRO PIOCÂMECRÃ



SÍMBOLO E PREMIAÇÕES:

O atual logotipo do GEJA foi feito em 1987, substituindo o símbolo que acompanhava o grupo desde a sua fundação, em 1977. No caso do lenço amarelo com debrum marrom, ele se manteve ao longo dos anos com algumas mudanças somente no tom de amarelo, por conta das padronagens dos tecidos encontrados em cada período.

Uma curiosidade dos lenços é que nas comemorações de 25 e 30 anos do grupo eles mudaram da padronagem original. Nos 25 anos o lenço era marrom com o debrum amarelo e nos 30 anos o lenço era branco com debruns nas cores amarelo e marrom e nesse ainda havia um símbolo em homenagem aos 100 anos do Escotismo.



Dentro do Grupo existem algumas premiações que reconhecem as progressões pessoais, quando estas alcançam seu nível máximo. Tais premiações são:

- CRUZEIRO DO SUL (ramo Lobinho)
- LIS DE OURO (ramo Escoteiro)
- ESCOTEIRO DA PÁTRIA (ramo Sênior)
- INSÍGNA DE B-P (ramo Pioneiro)
- INSÍGNA DE MADEIRA (adultos voluntários)

LINHA DO TEMPO DO GEJA

1978

Em junho, graças a um trabalho devotado do Chefe Inácio, o SESC, através da Coordenação do Centro de Atividades Presidente Médici, na pessoa do Sr. Jonas, o GEJA foi acolhido com extrema boa vontade, dando-nos local condigno para nossa sede.

1984

A sede foi transferida para a FUNCEP- Fundação Centro de Formação do Servidor Público, no Setor de Áreas Isoladas Sul, ao lado do Quartel do Corpo de Bombeiros da Asa Sul. Neste ano o GEJA foi um dos pioneiros na coeducação no Brasil, ao criar a sua Tropa de Guias Escoteiras e a Alcateia Feminina.

1987

Após gestões junto ao Governo do Distrito Federal, ocorreu nova mudança para um prédio próximo ao estacionamento 6 do então Parque da Cidade Pithon Farias. Nesse mesmo ano, foi adotado o atual logotipo, em substituição ao antigo símbolo adotado na sua fundação.

2022

ANIVERSÁRIO DE 45 ANOS DO GRUPO ESCOTEIRO JOSÉ DE ANCHIETA!

1977

Em 20/11/1977 foi concedida pela Região do Distrito Federal a autorização provisória de funcionamento e foram iniciados os trabalhos de composição da primeira Comissão Executiva, entre os pais dos meninos. Finalmente, em 12/12/1977, foram iniciadas as atividades do grupo, data oficial de fundação do GEJA.

1980

Foi editado o primeiro GEJORNAL, publicado em edições bimensais e que durou por mais de uma década.

1986

A FUNCEP foi transformada em Escola Nacional de Administração Pública, e a nova administração do órgão solicitou ao GEJA que buscasse outro local para sua sede.

2002

No Parque da Cidade de Brasília, o Grupo ocupou quatro locais diferentes: após a primeira sede já citada, mudaram, em seguida, para o prédio da Administração do Parque, depois se deslocaram para o prédio da área administrativa de apoio, junto ao estacionamento 8. Finalmente em 2002, no ano do Jubileu de Prata, o Grupo se estabeleceu no local onde se encontram hoje, em um prédio próximo ao estacionamento 3.

ENTREVISTAS COM MEMBROS DO GEJA

Os integrantes da Atena, na busca de aprofundar o seu conhecimento nessa rica história, promoveram entrevistas com alguns membros do Grupo Escoteiro José de Anchieta. A cada ocasião, procuramos entender melhor o impacto que o Grupo Escoteiro e o Movimento Escoteiro tiveram nas vidas das pessoas que passaram pelo GEJA.

Mas não só isso! Também aprendemos sobre a vida desses membros dentro do Grupo Escoteiro. Vários relatos de porque entraram, o incentivo de pessoas próximas, amizades que fizeram dentro do Movimento, entre outros, enriquecem essas entrevistas e também a história do GEJA. Esperamos que gostem desses relatos e se apaixonem pela história do GEJA e do próprio escotismo tanto quanto nós.





MARIA JÚLIA: Boa noite a todos, eu me chamo Maria Julia hoje estarei conduzindo essa entrevista, sou consultora da Atena, estudante de história no 8º semestre. Temos aqui, também, outros estudantes da Atena: o Gustavo, a Letícia e o Vinicius. Essa entrevista, tem um roteiro, mas eu queria que nós não nos prendêssemos nele, usássemos esse momento para falar livremente, para comentar, para trazer informações sobre o GEJA, porque todas elas nos ajudarão a construir o projeto final.

Para dar início, eu gostaria de pedir para que cada um dos representantes do GEJA aqui presentes pudessem se identificar com: nome, idade, quando foi seu ingresso no grupo, qual posição você ocupa atualmente no movimento, se você já ocupou outras posições, se você tem filhos ou familiares ativos no movimento e se você guarda alguma condecoração do grupo próprio, da família ou dos amigos. Essas informações servem para que façamos um panorama das pessoas aqui presentes.

Quem deseja ser o primeiro?

Primeiro relato: AUGUSTO CESAR

"Meu nome é Augusto César da Motta Willer, eu tenho 47 anos e, desde os 9 anos de idade, sou membro do Movimento de Escoteiro. Em 1985 cheguei ao GEJA, porém não comecei no GEJA, comecei no 8º DF Escoteiro do Mar, e depois de um tempo meu pai migrou, associou-se mais a ideia do GEJA e nós fomos para lá.

Estive no Movimento Escoteiro até 1996, passei pelos ramos: escoteiro, sênior, pioneiro, e fui chefe de tropa. Cheguei a ter uma breve experiência com o ramo lobinho. Por uma questão profissional, envolvendo os estudos, eu saí e fiz um pacto com meu irmão Emerson: quando nossos filhos estivessem na idade para ingressar no movimento de escoteiro, nós retornaríamos e assim fiz.

Em 2015, depois de um churrasco nos falaram sobre a abertura de uma nova alcateia (alcateia é uma das seções do ramo lobinho).

Na época, o chefe Hugo junto com a chefe Gisele e chefe Igor estavam atuando, e a gente entrou para ajudar e junto vieram nossas crianças, no caso o Nathan e o Artur, meu filho e o filho do Emerson respectivamente, que até hoje fazem parte do movimento escoteiro. No caso dos meus filhos, o Nathan é escoteiro e a Maya é lobinha cerrado. Já minha esposa contribui da melhor forma possível, ela faz parte da comissão fiscal do GEJA. E com isso minha família hoje está assim: trabalhando para contribuir.

Quanto as condecorações, bom a maior condecoração que o escotismo pode dar são as lembranças que a gente tem da nossa juventude. Ainda mais eu que tive a oportunidade de ter meu pai como membro atuante, como chefe escoteiro. Meu pai trabalhava bastante, era oficial da polícia militar, então, assim, tinham semanas que o momento que tínhamos com meu pai era durante a atividade escoteira e era muito gratificante.





Segundo relato: BRUNO SOUZA

Vamos lá, meu nome é Bruno e eu entrei no GEJA em 1981, quando eu tinha 11 anos, e fiquei como escoteiro de 1981 até 1984. Depois, eu me afastei do movimento, comecei a estudar, veio o ensino médio, preparação para faculdade, etc.

E o engraçado é que o meu retorno eu não planejei, foi um acidente, mas o escotismo sempre esteve presente na minha vida. Aqueles quatro anos que eu fiquei no movimento escoteiro tiveram muito impacto na formação da minha personalidade, do meu caráter, na forma como eu enxergava o mundo.

Mesmo nesse período afastado o escotismo fez uma parte no meu processo decisório, meu modo de enxergar a vida e isso nunca ficou para trás, ajudou-me a superar muita coisa, a me tornar uma pessoa melhor. Isso para mim continua até hoje, inclusive mais forte porque voltei ao movimento.

O retorno como eu disse foi engraçado, quase 30 anos depois eu casado e com filhos... Um dia a gente estava no Parque da Cidade fazendo um piquenique de família: eu, minha esposa e meus dois filhos (a Kira e o Yann), e a gente por coincidência fez esse piquenique justamente ali na área do estacionamento 3. Não tínhamos ideia que existia um grupo de escoteiro ali, nunca passou pela minha cabeça. Enquanto nós estávamos fazendo nosso piquenique, começa a chegar o pessoal de lenço. Eu olhando aquilo e pensando "pô, que legal!". E a minha filha, ela tinha 6 anos e pouquinho, justamente na idade de começar no ramo lobinho, ela me perguntou: "Papai, quem são esses caras?" (tipo que povo maluco é esse, que tá tudo com lençozinho). Então eu expliquei: "Filha, são os escoteiros, trabalham com a natureza, etc", dei um resumo básico do era um escoteiro e perguntei se ela queria ir lá conhecer. Ela respondeu: "Quero, vamos lá!". Portanto eu fui e quando cheguei quase caí duro porque eu percebi que era o GEJA, o grupo que eu tinha sido membro juvenil quando eu tinha 11 anos de idade. Nesse dia eu troquei ideia com chefe Itamar, ele explicou para a Kira o que era o grupo e como eram as atividades. O resultado disso foi que na semana seguinte ela ingressou no movimento e eu junto. Não sei quem estava mais animado, se era ela ou era eu.

Mas enfim, isso foi em maio de 2011, desde então estou atuante, já passei por várias funções: assistente de seção, chefe de seção, na diretoria fui diretor financeiro, fui vice-presidente, e hoje estou como diretor presidente do grupo.

Enfim, dizem que o escotismo é uma cachaça, mas não é porque a cachaça você para, já o escotismo não tem jeito. Você continua vivendo como escoteiro e carregando os valores pro resto da sua vida, o que é uma coisa muito boa. Hoje minha família toda está no GEJA, primeiro veio a Kira e eu, dois anos depois veio o Yann e pouco tempo depois minha esposa entrou também, hoje ajudando na diretoria administrativa.



Terceiro relato: ZÉLIA MARTINS

Meu nome é Zélia. Eu não sabia o que era escotismo, porém na minha juventude tinha os bandeirantes, eu os via com aquele uniformezinho e falava "ah, eu quero tanto ser bandeirante". Mas, não tinha jeito, não deu certo. Passado anos e anos, eu casei, tive filhos e ainda sem conhecer o escotismo. Contudo, um certo dia no meu trabalho, uma colega começou a comentar sobre o grupo de escoteiro José de Anchieta, ela estava lá com os filhos dela, e perguntou se eu não queria conhecer. Eu respondi: "vontade eu não sei nem o que é, mas se é coisa nova, eu adoro coisa nova"

coisa nova". Minha colega respondeu: "ah, então vai lá pra vê, leva os meninos, vê se eles gostam". Então, levei as crianças. Para entrar como escoteira tinha que ter 11 anos, mas minha filha, na época com 10 anos, era tão grande que o grupo resolveu que ela seria escoteira. E o meu filho, o mais novo, não tinha idade para entrar.

Eu sempre gostei de acompanhar meus filhos em tudo que eles faziam, na escola sempre estive presente e fiquei imaginando o que eu podia fazer no grupo de escoteiro para estar presente. Com isso, eu procurei ajudar de alguma forma e, assim, sem me registrar comecei a cuidar da lojinha. Essa era mínima, eu colocava uns certificados, distintivos e ia na UEB-DF (União dos Escoteiros do Brasil, filial do Distrito Federal) comprar para trazer a lojinha. Fazer tudo isso era muito gratificante.

Isso foi em 1989, no ano seguinte, logo no início do ano eu entrei para o conselho fiscal, onde foi feita a minha promessa. Passado um ano meu filho atingiu a idade e entrou para a alcateia e a chefe da alcateia por sua vez, logo me deu uma cantada para ajudar (como sempre tinha gente precisando de ajuda e estava faltando adultos). Estava ali para ajudar em tudo que eu pudesse, com muita alegria e satisfação, por isso aceitei o convite e entrei para a alcateia. O grupo na época ainda tinha duas alcateias, uma feminina e uma masculina. Porém, logo depois se juntou, então passou a ser uma alcateia só: masculina e feminina. E eu passei a ser assistente da chefe, uma pessoa muito querida, trabalhamos juntas por uns dois ou três anos, até ela se mudar com o marido que, por ser diplomata, foi transferido para os Estados Unidos.

Diante disso, eu continuei como assistente da alcateia e uma amiga nossa que também era assistente assumiu a alcateia por alguns meses mas ela foi trabalhar na região escoteira (e não podia ter vínculo nas seções uma pessoa que fosse funcionária da UEB). Eu vinha sem saber quase nada, muito perdida e tendo que assumir a alcateia. O presidente do grupo me disse: "olha se você não assumir a alcateia, ela vai fechar". Imagina... Eu amo de paixão as crianças da alcateia, criança nessa fase de idade,

como que eu ia deixar esses meninos, irem embora? Falei "ai meu Deus, vamos!".

O escotismo tem aquela história do aprender fazendo, eu sou uma das que aprendi fazendo: fiz cursos, frequentei a região, na marra, perguntando aqui, perguntando ali. Tendo o chefe Willer como meu APF (Assessor Pessoal de Formação) e que me ajudou muito e a gente manteve aquele trabalho, com todas as dificuldades do GEJA.

Passou os anos, a minha filha foi escoteira, foi guia, não foi pioneira porque na idade de ser pioneira ela foi convidada a ser assistente de tropa. O meu filho chegou até o ramo sênior, onde ele desistiu, não entendi bem porque, já que ele era muito participativo e gostava, mas desistiu. A minha filha, também desistiu e eu continuei. Sete anos depois veio a minha neta, filha da minha filha.

Agora só uma coisinha que eu quero deixar. Eu me apaixonei pelo movimento escoteiro durante todos esses anos, por tudo que fiz, eu me apaixonei pelo GEJA. Por quê eu nunca consegui me imaginar em outro lugar que não lá. Então o Grupo de Escoteiros José de Anchieta é a minha segunda família. É meu segundo lar. São meus irmãos escoteiros de coração. Desde o pequenininho até o mais velho. Hoje sou a mais antiga no grupo.

Antiga na idade e antiga como membro do grupo, porque o Willer resolveu me abandonar (risos). Ele foi tratar de coisas pessoais e, com o passar do tempo, mandou os filhos, os netos. E eu sou uma pessoa abençoada, eu posso dizer. Uma pessoa feliz da vida.

MARIA JÚLIA: Me permite fazer um comentário. Eu tenho amigas no GEJA, e quando eu comecei a trabalhar nesse projeto da Atena eu perguntei pra elas com quem eu deveria conversar e todas elas falavam: “vai na Zélia. fala com a Zélia”. Me deram seu número e elas me disseram: “você vai gostar muito. Ela ama o muito o GEJA, e vai falar muito. Ela sabe muita coisa do Grupo”. E é uma grande alegria estar aqui. Vou mandar uma foto sua pras minhas amigas falando: “olha fiz a entrevista”!

ZÉLIA MARTINS: Isso é porque a gente não pode falar tudo, porque não dá tempo. Foi tanta coisa, entendeu? Tanta coisa, tanto sufoco. Ali remando junto até ser o que a gente é. Isso é uma felicidade tremenda.

MARIA JÚLIA: Alguém se candidata pra ser o próximo ?



Quarto relato: EMERSON WILLER

Meu nome é Emerson da Motta Willer. Eu tenho 44, vou fazer 45, já estou velho! Eu entrei em 1986, depois do Augusto, na época do chefe Willer. Entrei na alcateia dois, o qual eram só meninos. Tinha a alcateia um, que eram meninos e meninas. Começou um projeto piloto no DF naquela época de alcateias mistas, e a alcateia dois eram só meninos.



Mas depois, para cima, no ramo escoteiro tinha 2 tropas, uma masculina e outra feminina. Tropa 1 que era a tropa de escoteiras e de escoteiros era a 2. No ramo sênior era semelhante e depois o clã pioneiro misturando tudo de novo. Foi assim até 1995/1994, se eu não me engano, depois começou a misturar.

Eu atualmente não estou mais no GEJA, estou em um grupo novo. Eu saí recentemente do GEJA. Eu comecei como lobinho, depois escoteiro, sênior, pioneiro. Terminei a minha estrada como jovem pioneiro em 1997 e, em 1998, me tornei chefe da tropa sênior junto com a Andreia. Então a gente tocou a tropa sênior até 2002, quando eu saí por motivos profissionais.

Tive que terminar meu doutorado. E aí em 2016 eu entrei novamente pra alcateia 3, Uivos do Cerrado, depois de ter sido convidado pelo Hugo e o Átila.



O Hugo ficou tocando a alcateia Uivos do Cerrado por mais um ano, e depois falou: “agora é com vocês”. O escotismo tinha mudado completamente, cheio de novidades. Já estava começando a mudar em 2002, quando eu saí, mas realmente mudaram mais coisas. Mas depois de algum tempo nos adaptando a um novo programa, a mudança foi melhor. Tenho dois filhos no movimento escoteiro, também estão no Grupo Escoteiro RK comigo, mas também foram do GEJA. O Heitor, que é o mais novo, só se recorda de GEJAcamps de quando tinha 3/4 anos de idade. Ele é um ser revoltado porque nunca acampou. Desde que ele entrou no escotismo e fez promessa efetivamente, nunca mais acampou. É uma geração de escoteiros que nunca acamparam e ele está bem revoltado com isso. A esperança é que esse ano a gente consiga um acampamento para esses lobinhos. Meu filho mais velho também tá no ramo de escoteiro. Dentro do movimento temos diversas condecorações, botei aqui as medalhas de bom serviço: 10, 15 e 20 anos no movimento escoteiro. Eu parei na de 15 anos e agora vou fazer 22 anos de Movimento. O escotismo fez parte da minha vida e faz parte da dos meus filhos. Todos os amigos que eu tenho tem alguma influência do escotismo.

Inclusive, eu vim aqui para o RK por conta de um amigo de quando eu era lobinho. Na verdade, quando a gente era lobinho, éramos competitivos. Concorremos pra ver quem ia ganhar o Cruzeiro do Sul. Na época da chefe Isnéria, ela me adotou e ganhei a Cruzeiro do Sul. Ricardo e Glauber, meus adversários, não receberam Cruzeiro do Sul por causa de uma etapa ou outra. Sei que era uma concorrência grande, mas depois todo mundo ganhou o Lis de Ouro na tropa escoteira e foi tranquilo.

MARIA JÚLIA: Muito Obrigada. Todos vocês sintam-se muito livres para falar tudo o que desejarem. Agora o Augusto Willer.

Quinto relato: AUGUSTO WILLER

Eu sou Augusto de Barcelos Willer. Eu nasci em 07 de junho de 1950. Entrei no movimento dos escoteiros em março de 1961. Em abril, eu não tenho bem certeza disso, mas entre os dias 20 e 21 de abril eu

entrei no GEJA, meu objetivo era fundar um grupo de escoteiro no clube que nós dirigimos e que ficava na beira do lago. Então o chefe escoteiro na época, que hoje se chama presidente, sugeriu-me fazer um estágio em um grupo de Escoteiros do Mar. Pois existe no Movimento modalidades que formam grupos específicos para cada uma: Modalidade do Mar, Modalidade do Ar e Modalidade Básica, da terra. Então, eu e o Augusto César fomos estagiar lá no 8º DF, grupo Almirante Adalberto Nunes e lá ficamos durante seis meses, até que cheguei a conclusão de que eu não gostaria mais de fundar um grupo de escoteiro, pois vi que me faltava muita



infraestrutura para poder pensar em uma situação dessas. Com isso, retornei ao GEJA e logo em seguida fiz minha renovação de promessa e o Augusto César então fez sua primeira promessa escoteira, tudo isso no mesmo dia. Temos boas lembranças desse período onde o grupo funcionava na ENAP (Escola Nacional de Administração Pública).

AUGUSTO WILLER: Então é, mas nós estamos muito bem nesse local, fazíamos parte do ginásio do esporte e ficamos lá durante algum tempo. Até que se eu não me engano em 1987, informaram que precisavam do local onde funcionava o grupo e então nós procuramos o Parque da Cidade para fazer essa transposição, mas nesse período que eu voltei para GEJA o chefe do grupo era o Aldu Undemberg, e seu filho Alexandre, era o chefe da tropa escoteira, e então quando retornamos para o grupo eu ofereci ao Alexandre para ser seu adjunto lá na tropa, e dentro de pouco tempo, ele me procurou e disse “Olha não estou me sentindo bem, não estou me sentindo à vontade com você sendo meu adjunto, você tem muito mais experiência de vida eu tenho apenas 20 anos, você tem mais de 35 anos, eu gostaria que você fosse chefe da tropa e eu seria seu adjunto”, conversamos uma tarde e acabou acontecendo isso.



Fiquei então como chefe da tropa de escoteiro durante seis ou sete anos, e naquela época estava sendo implantado a coeducação, as mulheres faziam parte do movimento de escoteiros, mas como bandeirantes, e os homens faziam parte do movimento escoteiro separado e a partir desse momento cerca de 1984 começou o movimento de trabalhar em conjunto homens e mulheres no mesmo movimento, e eu tive o prazer de ver a implantação começando pela alcateia depois no ramo pioneiro e no ramo escoteiro também. Trabalhar de uma forma diferente, com tropas femininas, de escoteiras.

Logo em seguida, ocorreu a mudança com a tropa sênior e com os meninos que trabalhavam com patrulhas masculinas, e as meninas com patrulhas femininas: elas eram chamadas de guias escoteiras e eles eram chamados, então, de sêniores . Esse período foi muito rico porque nós estávamos vivendo essa inclusão da mulher na sociedade escoteira, e o GEJA foi um dos pioneiros em Brasília na implantação da coeducação.

A minha história dentro do GEJA foi muito rica, eu exerci vários cargos de chefia, praticamente em todas as sessões, com exceção da alcateia, por causa do estágio no 8º DF, que foi na alcateia. Eu queria experimentar um pouco de cada seção, foram várias atividades, sempre acompanhando os meus filhos, começou com Augusto César, no início de 1986, depois veio o Emerson já como lobinho, as filhas Karen e Keila, e assim sucessivamente até que começaram a chegar os netos: o Artur, o Heitor, o Natan e a Maia que é lobinha. Então, no final de 1989/1990, aproximadamente, nós começamos a trabalhar como dirigentes dos escoteiros, deixamos essa área de escotistas para trabalhar como dirigentes, logo em seguida eu assumi como presidente do grupo, fiquei até o final de 1993 quando tive que me afastar do Brasil para uma missão na África e lá permaneci um ano e quando voltei, em 1995, reassumi a função de presidente ficando por muitos anos. Essa é basicamente minha história e espero que possa contribuir para a história do GEJA.

MARIA JÚLIA: Só queria fazer uma pergunta para o Augusto Willer: sua família, seu pai, sua mãe, já conheciam o movimento de escoteiro ou você que deu início?

AUGUSTO CÉSAR: Na verdade, eu fui o pioneiro da minha família, tomei conhecimento do movimento escoteiro em um clube que ficava do lado minha escola, SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre), em Porto Alegre, e que abrigava o primeiro grupo de escoteiro do Rio Grande do Sul, então esse grupo era muito tradicional, eu assistia algumas reuniões deles mas era um grupo que estava sempre lotado, não tinha vaga, e dava prioridade para sócios do clube, aí eu encontrei esse outro grupo que ficava próximo da minha casa, grupo escoteiro Vicente Pallotti, e lá iniciei na tropa escoteira, que foi pouco tempo, mas já deu para sentir o gostinho do movimento escoteiro.

MARIA JÚLIA: O GEJA você conheceu através do Augusto, quando vocês se mudaram para Brasília, certo?



AUGUSTO CÉSAR: Não, já estávamos em Brasília há mais de 10 anos, mas ele tomou conhecimento deste grupo escoteiro na escola que ele estudava, a Escola Normal de Brasília, tinha um menino que era lobinho em um outro grupo, então nós fomos procurar e encontramos o grupo escoteiro José de Anchieta, no qual o chefe de grupo era um gaúcho como eu, o procurei para dizer exatamente das minha intenção, e ali comecei a entrar nas minhas atividades.

MARIA JÚLIA: Certo, muito obrigada pela sua fala, você trouxe informações muito ricas, vários pontos.

Então você, o Augusto e o Emerson chegaram pela família, Zélia e Bruno conheceram o grupo por qual meio?

BRUNO SOUZA: No meu caso conheci através de um vizinho, Daniel. Ele era escoteiro e me apresentou para grupo, levou-me para fazer uma atividade junto, gostei e fui ficando, depois que ele saiu.

ZÉLIA MARTINS: Eu conheci o movimento através de uma colega de trabalho, que já era inclusive chefe dos lobinhos na época, no GEJA. Comentando sobre escotismo, ela me perguntou se eu não tinha vontade de participar, e me convidou para conhecer. Então, nós fomos fazer uma visita ao grupo, a qual inclusive levei meus filhos. Lá, fui apresentada ao Willer, responsável na época, e as minhas crianças, ao verem todos fazendo atividades ao ar livre, brincando e jogando, ficaram entusiasmados, e eu também fiquei encantada.

Assim, eu nasci no Tocantins, mas celebrei meus 13 anos em Brasília, então considero aqui como a minha cidade natal, pois foi nessa capital que cresci, estudei, tive meus filhos e nunca mais saí daqui, a não ser para passear. Então, como eles gostaram do grupo, decidi que iríamos ficar. Falei: "vamos ficar nós três, porque eu também vou". Portanto, foi através de amigos, de comentários que eu conheci o movimento escoteiro. E aí me apaixonei, a verdade foi essa. Me apaixonei mais do que os meninos. Estou lá até hoje, dando trabalho (risos).

MARIA JÚLIA: Bruno, você também é de outro estado ou é de Brasília mesmo?

BRUNO SOUZA: Eu nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais, mas vim para Brasília com 6 anos de idade, então sou muito mais brasiliense do que mineiro.

MARIA JÚLIA: A partir da análise de alguns documentos, nós percebemos que vocês se reuniam em locais diferentes, como já foi citado pelo Augusto. Vocês chegaram a se reunir em uma paróquia, porém não me lembro o nome, se não me engano ela ficava na 706/707 Sul. Vocês já estavam no movimento quando ela se organizava nessa paróquia?

AUGUSTO WILLER: É a Paróquia São Cura D' Ars, na 914 Sul.

MARIA JÚLIA: A transferência para o Parque da Cidade foi bem recente, correto?

AUGUSTO WILLER: Não, não foi. (Risos) Nessa história tem muita história. Nosso grupo é bem nômade.

MARIA JÚLIA: Vocês podem contar um pouco mais sobre isso?

AUGUSTO WILLER: O grupo foi autorizado em novembro de 1977, e em dezembro do mesmo ano ele nasceu. O grupo foi para uma escola de matemática atrás da Escola Normal e depois disso fomos para a FUNCEP (Fundação Centro de Formação do Servidor Público) que hoje é a ENAP (Escola Nacional de Administração Pública).

BRUNO SOUZA: Na verdade, você pulou uma coisa. Antes da escola de matemática teve o SESC, que foi de 1978 à 1983.

AUGUSTO WILLER: Sim, foi a muito tempo atrás. Inclusive, foi na gestão da chefia inicial, com chefe Jairo.

BRUNO SOUZA: E o Chefe Inácio.

AUGUSTO CÉSAR: Chefe Inácio e Chefe Jairo são os fundadores do GEJA.

AUGUSTO WILLER: Então, nós fomos para a FUNCEP e lá ficamos uns dois ou três anos só.

AUGUSTO CÉSAR: Foi de 1984 até 1987.

AUGUSTO WILLER: Enfim, então de lá fomos para o Parque da Cidade. O grande problema do grupo de escoteiros é que quando precisamos sempre estamos em um lugar cedido e isso é um fator que difere das cidades de escotismo americano, por exemplo. No escotismo americano, eles trabalham muito mais com sessão autônoma do que grupo escoteiro como a gente. Então eles colocam as coisas dentro de um carro, vão para um determinado local, praticam a atividade, põe as coisas no carro novamente e cada um vai guardar na sua garagem. Então essa necessidade de uma sede não é tão grande lá. Aqui no Brasil nós estabelecemos historicamente a filosofia de ter um



grupo de escoteiros com todos os anos e, por isso, dependemos de muita boa vontade. Então quando um grupo de escoteiros tinha uma sede própria, eram considerados os "barões do escotismo". (risos)

AUGUSTO CÉSAR: Nossa sede era na Escola de Meninos e Meninas de Brasília, mas nos retiraram de lá porque queriam guarnecer as crianças que estavam mais vulneráveis. E é nessa hora que eu sempre relembro grandes personalidades que começaram a nos ajudar, aqui presente chefe Zélia e chefe Willer.

Eu nunca poderia esquecer da chefe Neila, do chefe Vítor, que Deus os tenha. Pois nós perdemos esses dois novos-novos que eu digo em relação à 1977 -, pais do GEJA também. A chefe Neila e o chefe Vítor que foram as pessoas que mobilizaram, junto com chefe Willer e chefe Zélia, para que nós pudéssemos conseguir um espaço onde hoje é a nossa

sede, o Estacionamento 3. E nisso entra, além do chefe Willer, outros chefes, como o chefe Bruno, chefe Átila, que falaram assim: "Vamos nos estabelecer aqui", e logo começamos a construir aquela sede. Aquele prédio era um banheiro, um negócio abandonado. Então esse pessoal começou a construir, e várias vezes tentaram dizer não, justificando que era do Parque ou do GDF (Governo do Distrito Federal). Entretanto, foram esses chefes que conversaram e tentaram ficar. E eu acho que foi até na gestão do chefe Bruno, apesar de ser um trabalho anterior, que nós conseguimos nosso, vamos dizer assim, o Alvará de Concessão.

AUGUSTO WILLER: É, tinha 20 anos, então agora temos uma coisa que nos dá uma segurança muito maior. No entanto, o escotismo é um movimento voluntário que não tem ligações políticas nem religiosas, conforme escrito em nossa Constituição, apesar de existirem algumas exceções em relação à religião, que são previstas pelo documento. Isso é algo complicado, visto que trabalhamos com voluntariado, e voluntários são pessoas que não são pagas e estão ali por amor. Então precisamos de muito trabalho, mas hoje eu considero que a maior organização não governamental do planeta terra é o escotismo. Portanto, apesar de não termos ligações políticas, temos uma convicção básica que o nosso compromisso é com o jovem.

ZÉLIA MARTINS: Augusto César, já que você falou da sede atual, vou contar um pouco da história dela. Quando eu entrei no grupo, a sede era naquele estacionamento onde, hoje, é a Escola de Meninos e Meninas, que na época se chamava Escola de Meninos da Rua. Então nos retiraram de lá e nos colocaram na administração, em um cubículo onde tudo que nós fazíamos era do lado de fora. De repente, precisaram do espaço e nos mandaram para atrás do Corpo de Bombeiros em um contêiner. Ele era meio levantado do chão, então quando vinha a água ela passava por baixo e não molhava as caixas de papel. A única coisa que nós tínhamos era a caixa com uns objetos e uma mesinha que nós colocávamos para fora a fim de poder fazer a atividade. Nesse meio tempo foi quando me aposentei e resolvi que todos os dias eu iria fazer uma caminhada no Parque da Cidade. Então passei a fazer essa caminhada todos os dias pela manhã, e quando passava por onde é nossa sede hoje, percebia que estava abandonado. Era um quiosquezinho, como se fosse praticamente um banheirinho, uma coisa mínima. E eu passava, olhava, e a partir dali eu passei a ir visitar o local. Eu desviava a minha caminhada, ia lá, olhava, e percebi que era uma imundície total.

Era rato, sujeira, aquilo ali estava horrível! Foi um mês ou dois, que eu passava todos os dias e via, pois era um local próximo a um estacionamento com um parquinho. Aí um dia eu chamei o Augusto Willer, e falei: “Willer, eu acho que tem um lugar abandonado ali. Você podia ver se a gente não consegue...vai que, né?” e ele respondeu: “Estavam pretendendo nos tirar desse contêiner e nos colocar em um negócio de passarinho. Não sei nem onde fica isso no parque”. Eu falei: “Meu Deus do céu. A gente sai de um contêiner e vai pra uma coisa de passarinho, como assim?”

AUGUSTO CÉSAR: É isso, a gente ia pro poleiro. (risadas)

ZÉLIA MARTINS: (risadas) Aí eu vi isso e comecei a ficar encabulada com aquilo. Aí eu falei pro Augusto Willer: “Tá abandonado, vai lá, dá uma passadinha pra você ver.” E ele fez isso e foi na administração, contou a história do escotismo, falou qual é o nosso trabalho, o que tínhamos perdido. O administrador sugeriu de "invadirmos", (risos), tudo na brincadeira, claro. Continuando, o chefe Willer perguntou: “Mas fora de brincadeira, o que a gente pode fazer?” e teve a resposta: “Não, vou mandar destravar, e tudo mais, e vocês arrumem tudo. Agora com aquele risco de que: é um lugar do parque e a qualquer momento eles podem pedir”. Mas qualquer coisa seria melhor que o contêiner, fizemos assembleia, contamos tudo pros pais, que iríamos gastar dinheiro ali, para construir e reformar. Foi aceito e começamos a trabalhar. Em pouco tempo estávamos com o espaço habitável. E fomos ficando, anos e anos ali, e então um belo dia disseram que veio uma comunicação da administração, falando que iam precisar do local. Fomos lá, pra ver o que eles iam propor, e falaram assim: “Olha, a gente vai precisar porque temos escolas. Mas a gente não vai deixar vocês na mão, vocês se lembram daquela salinha que tinha lá no Corpo de Bombeiros, atrás do boteco?”, “Lembro”, “Então, que tal cedemos aquela salinha pra vocês novamente? E só mandar arrumar, consertar, engomar”, aí o Augusto Willer falou assim: “Vai caber cento e tantas crianças lá?” “Ah, vai dar sim”, “Então tá bom, a gente aceita”. Eu não acreditei que o Willer tinha aceitado. Quando nós saímos eu falei: “Willer, você aceitou a proposta do cara lá? Você é louco? A gente vai ficar naquele treco lá, você acha mesmo que vai caber?”, ele me respondeu assim: “Olha, quando eles arrumarem a sala, e estiver toda pronta, e eles garantirem que ficará sempre com os escoteiros, a gente vai dizer pra eles: ‘cabe a escola’. Entendeu?”

No entanto passou o tempo e não tiraram a gente de lá, mas tentaram né? Mas persistimos, e agora felizmente conseguimos essa concessão tão almejada, tão sonhada. Mas olha, é uma história, sabe? São essas histórias, essas coisas que a gente não esquece. A força que dá pra lutarmos pelo movimento escoteiro, para continuar trabalhando em benefício das crianças.

GUSTAVO: Queria perguntar pra vocês, pegando esse gancho que vocês falaram da criação do GEJA, da estruturação e tudo. Quais são as ideias, os ideais, os propósitos do GEJA e os métodos de vocês para conseguir cumprir esses propósitos? E se são cumpridos?

AUGUSTO CÉSAR: Quando a gente pega o propósito do GEJA ele se confunde com o propósito do escotismo né? Então temos o propósito de ser um grupo de escoteiro fiel ao Método. Esse Método foi estabelecido pelo nosso fundador, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. Usamos muito a vida desse cara que tem tão forte os valores não só no escotismo, mas na pessoa. A ideia de honra, de lealdade, de cortesia, de preservação mental, de respeito ao próximo.

Essa irmandade, a fraternidade escoteira é uma coisa muito poderosa, muito forte. Sabe quando a gente brinca assim: "Ah, essa daqui é a minha família" no ambiente de trabalho é ótimo, é tudo uma mentira, não é família coisa nenhuma. Ou então com a vizinhança: "Ah, vocês são a minha família", tudo uma mentira também. Eu acho que o único lugar que eu me sinto família é no GEJA, além da minha família, óbvio, mas o GEJA é família. E essa coisa de fraternidade escoteira é uma coisa muito forte. O propósito do GEJA é o propósito do escotismo. Somos uma instituição de educação não formal, que segue o Método Escoteiro, não como uma obrigação, mas com intuição, queremos formar um cidadão pleno, e formar liderança boas. Quanto a nossa finalidade, é e sempre será o jovem, e ponto final.



A Andréia é um dos membros mais antigos, uma pessoa de extrema importância do escotismo no Distrito Federal. Ela conduz um grupo de escoteiros. É uma referência enorme pra gente, é uma mãe. Então só pra terminar, nossa finalidade sempre vai ser o jovem. Estamos sempre pensando no que é melhor pra eles, o que eles querem e o chefe do escoteiro é um irmão mais velho. Dentro do escotismo nós temos três perguntinhas: Onde começa? Volta pra nossa lei? e Pergunta pro jovem? Pergunta pros meninos, e aí você vai ter grandes respostas dos jovens para sempre, não é uma doação tá, é uma grandíssima troca. A gente se mantém jovem graças a eles. Esse é o nosso propósito.

Sexto relato: ANDRÉIA SAMPAIO

Vou contar a minha trajetória no GEJA, eu entrei em 1991, tive o prazer de estar nesse grupo durante vinte anos da minha vida de escoteira. Eu entrei pequenininha, fiquei praticamente seis meses só na tropa escoteira e depois eu fui pro ramo sênior já direto, depois guia, pioneira e fiquei quase dez anos como chefe do ramo sênior e como mestre pioneira, e a minha mãe foi ajudar a abrir um alcateia no 10°DF (Grupo Escoteiro Olavo Bilac). Ela falou pro Willer que ia ficar só um pouquinho, porém acabou ficando por lá. Fiquei 20 anos no GEJA, morro de saudade, mas estou super feliz com o crescimento do grupo. A minha mãe ficou 1991 até 1997 no GEJA, saiu e foi para o 10°, onde está até hoje.

BRUNO SOUZA: Augusto Willer, você não quer falar um pouquinho sobre isso não? Porque eu, talvez, eu acho que de quem tá aqui, peguei a fase mais antiga como jovem de oitenta e um. Mas eu era uma criança naquela época então minha percepção era de criança, eu não sei contar o que passou do ponto de vista de formação do GEJA e etc... Acho que você talvez tenha uma visão mais clara do que a minha.





AUGUSTO CÉSAR: Isso é importante, conta uma história imensa nossa. Mas olha, uma coisa importante: se você perguntar por ai, não existe muita diferença do nosso propósito e da nossa finalidade, continua o mesmo. O escotismo tem uma coisa que eu acho importantíssima que é a tradição. Nós temos tradição envolvida. E tradição não significa adaptação. Nos adaptamos à sociedade, crescemos com ela. Mas temos tradição. E essas tradições representadas principalmente pelos nossos símbolos, pelas nossas cerimônias, pela conduta que temos e o Método Escoteiro. Então essas coisas são extremamente importantes para entender esses pontos da nossa tradição.

ZÉLIA MARTINS: Somos um projeto educativo. Mas não ensinamos ninguém a ler, escrever, fazer conta. Isso a escola faz. Nós ensinamos a criança ser gente, ser pessoa, a lutar pelo seu próprio desenvolvimento pessoal. Assim é como enxergamos o escoteiro. Eu, por exemplo, trabalho com lobinho, e o lobinho é um terreno fértil. Eu coloco a sementinha e ela vai crescer, vai se desenvolver e mais a frente, vai florescer. Pensamos sempre no jogo que vamos passar, na história que vamos contar, no que vamos falar para criança, para que eles se tornem pessoas íntegras na sociedade. E é nisso em que trabalhamos.

BRUNO SOUZA: Eu queria expandir um pouquinho em cima do que o Augusto e a Zélia falaram, pra tentar mostrar um contraponto entre como era lá no início do GEJA e o que é agora. Tem algumas coisas que são interessantes. Por exemplo, lá atrás, quando começou o GEJA em 1977, nós jovens éramos adestrados. Era um programa de adestramento. Então éramos cachorrinhos que eram ensinados a fazer as coisas, e se olharmos pra trás não vemos o menor sentido. Tinha uma etapa que era dar não sei quantas voltas em uma perna só, pra fazer não sei o que, que eu nem me lembro. Certas atitudes em que surge o questionamento, “Poxa, pra que isso?”. Era divertido na época, brincávamos e tal. Mas eram etapas de um programa de treinamento, e aí tem um pouco dessa influência militar que o Augusto falou. A gente nem se importava muito com o porquê de fazer aquilo. Tinha que fazer, a gente ia e fazia. Eu não consigo falar da perspectiva do adulto, do chefe de escoteiro daquela época, eu não tinha noção do porquê que se fazia aquelas coisas. Eu sei que existia um programa. Um manual de adestramento, acredito que o nome era esse. Você tinha o “Guia do escoteiro de primeira classe”, o “Guia do escoteiro de segunda classe”, tinha essas coisas rígidas. Hoje o nosso momento, digamos, de educação, é extremamente diferente, hoje trabalhamos com competências. Não temos uma frigidez, muito pelo contrário. Nosso programa de competências, de formação dos jovens, de progressão dos jovens, prevê que os jovens precisam atingir uma série de competências. Então dá sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas para atingir essas competências. Mas são sugestões, você pode adaptá-las, você pode mudar, ou você pode simplesmente ignorar se perceber que esses jovens já possuem aquela competência. Fala “Poxa, é uma competência aqui que eu cuido, sei cuidar da minha saúde”. Se você percebe que o jovem já sabe cuidar, que ele se alimenta bem, se exercita bem, ele tem consciência do próprio corpo, das necessidades dele, não precisa trabalhar com ele uma atividade de alimentação saudável, ele já sabe. Então levamos isso em consideração hoje. Antes não existia isso. E a nossa capacitação como adultos para trabalhar no movimento escoteiro tem se focado, tem se voltado muito para isso. É entender que cada jovem é uma pessoa diferente. É um indivíduo que vai ter necessidades diferentes, vai ter processos de capacitação e aprendizagem diferentes, e que a gente precisa adequar o programa a essas realidades individuais. Isso é uma das coisas que fazem parte de um método escoteiro. Pensar no jovem como um indivíduo e não como um grupo.

BRUNO SOUZA: Temos o trabalho em equipe, que faz parte do Método Escoteiro. Porém dentro desse método, enxergamos e trabalhamos com cada jovem individualmente. É engraçado entendermos como essa dinâmica mudou ao longo dos tempos, mas de vez em quando encontramos pessoas que não conseguem enxergar isso. Não é o caso do GEJA. Acredito que a nossa equipe de adultos é muito boa, tanto em relação às pessoas que estão entrando agora no movimento, quanto às que fizeram parte como membro juvenil 10, 20, 30 anos atrás e que estão aí até hoje. De vez em quando encontramos pessoas que falam: “Poxa, que saudade da minha época!” e o mundo mudou, não podemos ser assim hoje. Não tem espaço pra isso e não é adequado. Percebemos que o movimento escoteiro, ao longo dos anos, percebeu uma coisa que é muito importante: os nossos princípios, os nossos fundamentos, esses aí são escritos na pedra, eles não mudam. Isso é o que valoriza a gente como indivíduo, a gente como pessoas, que busca desenvolver a nossa autonomia e nos dar um propósito na vida, como pessoas. Mas o nosso Método, a forma onde a gente implementa esses princípios, isso sim varia de acordo com o contexto cultural, com a época, com a sociedade, com o país, etc. E isso é o que faz o movimento escoteiro estar vivo. É uma relação bem equilibrada que a gente tem, de saber que nós temos princípios e esses princípios são, vamos dizer assim, eternos. Mas saber também que esses princípios estão situados num pedaço de tempo e esse tempo influencia a forma como esses princípios são trabalhados e desenvolvidos para os jovens. E aí eu faço mais um último gancho com o que o autor falou sobre o nosso propósito, que é para o jovem. Então a grande sacada do movimento escoteiro é a gente entender que os princípios precisam existir em favor dos jovens, para que esses possam aproveitar esses fundamentos e se transformar em pessoas melhores, cidadãos melhores, além desenvolver o máximo potencial e se tornarem pessoas autônomas que possam contribuir para construir um mundo melhor.

AUGUSTO CÉSAR: Tivemos muitas chefes mulheres importantes. Por que eu digo chefes mulheres? Porque elas foram de extrema importância. O GEJA sempre foi meio vanguardista, mas no sentido de trabalhar antes do tempo e de forma muito discente. Então fomos um dos primeiros grupos a implementar as tropas mistas, a adotar as metodologias e os métodos educativos mais modernos, a enfrentar a pandemia e pegar um presencial de cara. Acreditávamos que escotismo não era praticado no computador e com todo cuidado do mundo, com todas as prerrogativas sanitárias possíveis e

imagináveis poderíamos voltar a se ver presencialmente. Então, é interessante lembrar dessas chefes que são muito importantes nas nossas referências, como a chefe Jane e chefe Dorinha.

AUGUSTO WILLER: Muitas pessoas que estão nas atas do GEJA são referências em suas épocas pro grupo de escoteiros José de Anchieta. Eu só quero acrescentar uma pequena frase ao que foi falado pelo Augusto César e pelo Bruno. É que a essência do movimento escoteiro de origem lá atrás, no início teórico no final do século XIX, e na parte prática do movimento, no início do século XX, em 1907, essa essência está em cima de um propósito. Este é que o jovem seja responsável pelo seu próprio desenvolvimento, com a educação escoteira partindo de dentro do indivíduo para fora. Filosoficamente falando é uma essência que depois a própria educação formal, na forma das escolas, começaram a copiar. Mas no início do século XX isso era uma novidade. Se a gente relembra a história do mundo, no final do século XIX e início do século XX era um mundo que se mecanizava, onde estava acabando o trabalho artesanal. Foi uma época de grande desemprego e as pessoas perderam suas perspectivas, seus valores. Aí surgiu o movimento escoteiro para tentar recuperar esses jovens, que seriam responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. Acredito que a grande essência do movimento escoteiro é esta.

MARIA JÚLIA: Qual foi o impacto da pandemia dentro do movimento? Como vocês lidaram com isso e como trouxeram os valores e o escotismo em meio a pandemia?

BRUNO SOUZA: No escotismo, um dos nossos princípios é a Lei Escoteira. Nesta Lei, um artigo diz que o escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. Nunca este artigo foi tão exercitado quanto nesta pandemia, pois este foi um período extremamente complicado para todo mundo. O ano de 2020 - que foi o ano que não existiu - foi terrível! Nós tínhamos um calendário com muitas atividades programadas ao longo do ano, e logo na semana em que o GDF passou o decreto parando tudo tínhamos um festival naquele sábado. Dois dias antes, com tudo comprado e montado: paramos tudo! O ano de 2020 foi um desafio gigante. Imagine um movimento que é baseado em vida ao ar livre, sem termos a possibilidade de sair de casa? Como poderíamos fazer isso? Foi um aprendizado para todos nós. Primeiro entender o que estava acontecendo, depois pensar e adaptar um projeto educativo que foi feito para ser vivenciado na natureza para acontecer na tela de um computador:

Como funciona? E a resposta honesta e sincera é que não funciona, pelo menos não desta forma. Tem coisas que você faz no computador, que funcionam muito bem, mas é uma atividade, não um processo ou um projeto.



O movimento escoteiro no Brasil já tinha uma atividade que era virtual, bem antes da pandemia. Mas era só um dia por ano! Imagina fazer isso em todas as atividades. De alguma forma, com muita conversa com os pais e com as famílias, com uma dedicação absurda dos adultos, conseguimos vencer este desafio sem ter um impacto significativo como em outros grupos. Houve impacto com certeza, mas conseguimos manter os jovens entre a gente. Nós flexibilizamos, ouvimos os pais, ouvimos os jovens e todos os adultos conversaram o máximo possível para descobrir formas de amenizar a situação. Em 2021, como o Augusto colocou, o GEJA foi o primeiro grupo a conseguir voltar com as atividades presenciais. E foi o primeiro por um bom tempo, passamos o primeiro semestre de 2021 quase inteiro como os únicos com atividade presencial! Os outros grupos começaram a voltar a partir do segundo semestre e alguns até hoje ainda não retomaram, estão retomando agora em março/abril. E alguns outros infelizmente não vão retomar porque não conseguiram segurar, não tiveram condição de se organizar nem a força para conseguir superar este período. Agora, há uma coisa interessante também. Se a gente parar e olhar essa perspectiva de longo-prazo, a pandemia foi um momento difícil, complicado, extremamente desafiador, mas é apenas um momento! Se a gente pegar este momento e comparar com estes 45 anos de história do GEJA é um ano e pouquinho deste período. Hoje eu diria que já superamos as maiores consequências da pandemia. Nossas atividades já estão praticamente normais, com poucos ajustes ainda. Mas também pegamos certos aprendizados nesse período de pandemia, um deles é este que estamos exercitando agora. Fazer reuniões e conversas, videoconferências em chamadas de vídeo, isso facilitou muito nossa comunicação.

Não dá para fazer como atividade escoteira, mas dá pra melhorar nossa comunicação. Então a pandemia trouxe sequelas, mas também trouxe aprendizados e acho que isso é uma das características que temos como escoteiros. Adaptar, passar pela situação difícil, sorrir e tirar aprendizados e coisas que nos tornará melhores, mais capazes e resilientes.

AUGUSTO CÉSAR: O escotismo sempre foi criado na ideia de que um jovem estava sendo abandonado por instituições importantes, como a igreja, a escola, o governo. Então nas épocas de guerra, de fome, de grandes trabalhos urbanos e rurais (principalmente urbanos), o que sobrava nessa história? O jovem. O jovem tinha duas opções: ou estudava ou trabalhava. Quando falamos de estudar, falamos que a ideia de estudar é uma coisa pra rico. Essa educação popularizada é uma coisa muito recente na história da nossa sociedade. O que tínhamos era um bando de jovens abandonados! Então eles tinham estas duas opções! Imagine essa angústia inicial humana sem ser direcionada? É onde entra o escotismo. Mas eram jovens abandonados, e aí na década de 80 quando o GEJA foi fundado... Vocês têm ideia do que era a década de 80 em Brasília? Não tinha nada para se fazer. Você tinha seus amigos da rua, brincava, era legal, era uma outra época e não tinha muita coisa. E o escotismo era algo que preenchia a nossa vida! E aí vocês falam assim: "E hoje?" Aí voltando a ideia da pandemia. Hoje nós temos a vida preenchida por um fator muito sensorial, um mundo fluído. Não temos mais esse foco, não temos mais a questão do desenvolvimento pessoal e sim o desenvolvimento hiper sensorial, multifacetado nos lazeres. Falamos que são competições esportivas, mas não são. Imagina agora o escotismo no mesmo saco de tudo aquilo que a gente não quer: computador, internet, dinâmicas envolvendo filme, escola fazendo aula virtual a semana inteira e os meninos desesperados em casa! Então o que o escotismo vai lá e propõe? "Ah, vamos lá fazer a mesma coisa, só que a gente faz um joguinho!" (em tom de deboche). Foi horrível, horroroso!! Quando o GEJA, com sua natureza de coragem voltou, nossa senhora, quase botei o Bruno envolto em bronze para homenageá-lo pela sua coragem. Então vou te falar, o escotismo foi uma das coisas que nos fez segurar a onda, foi muito bom, voltados na força e na coragem.

MARIA JÚLIA: Muito obrigado! Alguém ainda quer acrescentar alguma coisa?

AUGUSTO WILLER: Eu só quero acrescentar um detalhe: nós ainda vivemos a pandemia, na realidade ainda não saímos dela, continuamos nela e talvez continuemos por mais algum tempo! Mas acredito que essa história do GEJA na pandemia, neste momento ainda que o sangue está quente, ainda temos determinadas reações emocionais e vocês que são historiadores sabem bem disso: a gente só vai poder analisar esse período daqui alguns anos, ou muitos anos. Aí sim, vamos saber o que aconteceu de fato nesse período de pandemia no escotismo e no próprio grupo de escoteiros José de Anchieta.

BRUNO SOUZA: Perfeito!





#AquiTemGEJA

Revista idealizada pela empresa júnior do curso de História da Universidade de Brasília - UnB, Atena - Consultoria Educacional e Memória Empresarial.

